

AMAZÔNIA, TERRA DE AVIVAMENTO RELIGIOSO: O CASO DO PENTECOSTALISMO

Amazonia, a religious revival land: the case of Pentecostalism

Liliane Costa Oliveira¹

Donizete Rodrigues²

Resumo:

Com base numa etnografia localizada, realizada durante a visita do pastor televangelista Benny Hinn a Manaus, foi possível testemunhar o início da concepção de “terra de avivamento” em território amazônico, que, num curto espaço de tempo, espalhou-se pelas comunidades pentecostais manauaras. Nesse sentido, duas questões centrais são discutidas: por que essa imensa região geográfica, com destaques para as cidades de Belém e Manaus, é reconhecida pelos evangélicos como o lugar de avivamento espiritual? Quais são as razões teológicas, antropológicas e sociológicas que explicam esse fenômeno religioso? Para responder a essas perguntas, o objetivo do trabalho é analisar a introdução e o processo de adaptação do movimento protestante-pentecostal na Amazônia e compreender o imaginário pentecostal que a definiu como a região do avivamento religioso. Concluiu-se que o encontro de diversificadas culturas e práticas religiosas, de comunidades tradicionais (indígenas, caboclas, ribeirinhas, periurbanas), com o revivalismo protestante norte-americano, provocou uma complexa hibridização cultural-religiosa, criando, dessa forma, um ‘pentecostalismo caboclo’.

Palavras-chave: Brasil; Amazônia; comunidades tradicionais; pentecostalismo; avivamento espiritual.

Abstract:

Based on a localized ethnography, carried out during the visit of the televangelist Benny Hinn to Manaus, it was possible to witness the introduction of the concept “Land of Revival” in Amazonian territory, which very quickly spread throughout the Pentecostal *manauara* communities. In this sense, two central questions are discussed: why this immense geographic region, with emphasis on the cities of Belém and Manaus, is recognized by Evangelicals as a place of spiritual revival? What are the theological, anthropological and sociological reasons

¹ Doutora pelo Programa Sociedade e Cultura na Amazônia e membra do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Religião, Cultura e Imaginário da Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Mestra em Sociologia e Graduação em Ciências Sociais (Bacharelado e Licenciatura) pela UFAM; Bacharelado em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas de Ciências Teológicas, Sociais e Biotecnológicas. Professora do Ensino Médio da Secretaria de Educação do Estado do Amazonas. E-mail: lilioliveira123@yahoo.com.br

² Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Coimbra e Livre-Docente em Sociologia. Pesquisador do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA-Universidade Nova de Lisboa) e Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará. E-mail: donizeterodrigues@fsch.unl.pt

that explain this religious phenomenon? To answer these questions, the objective of the work is to analyze the process of introduction and adaptation of the Protestant-Pentecostal movement in the Amazon and to understand the Pentecostal imaginary that defined that as the region of the religious revival. Findings suggest that the encounter of diverse cultures and religious practices, of traditional communities (indigenous, *caboclo*, riverside, peri-urban), with the North American Protestant revival, caused a complex cultural-religious hybridization, thus creating a 'caboclo Pentecostalism'.

Keywords: Brazil; Amazon; traditional communities; Pentecostalism; spiritual revival.

Introdução

As origens do movimento de reavivamento³ religioso de base protestante, denominado pentecostalismo, remetem aos Estados Unidos da América e ao trabalho de evangelização de Charles Fox Parham e, principalmente, de Willian Joseph Seymour. Este último, através da sua ação religiosa na Rua Azusa Street, em Los Angeles, a partir de 1906, foi o principal responsável pela forte expansão do pentecostalismo – primeiro dentro dos Estados Unidos e, em seguida, em (quase) todos os países do mundo.

A Missão de Fé Apostólica da Azusa Street incluiu, desde o início, étnica e socialmente, homens, mulheres, crianças, pobres, negros e hispânicos. Teologicamente, essa inclusão dos excluídos dentre o segmento mais pobre e discriminado da sociedade é um dos aspectos da revelação divina do poder de salvação – espiritual, mas também material –, através do Espírito Santo.

Historicamente, no pentecostalismo protestante norte-americano, a ação religiosa andou sempre junto com a vertente política (ROLIM, 1985) e teve participação ativa na transformação da sociedade. Essa dimensão tem como chave hermenêutica a experiência com o batismo no/do Espírito Santo: movimento religioso revolucionário que interpretou Cristo como salvador dos pobres e excluídos; valorizou a cultura dos negros e dos seus ancestrais africanos; criticou os ditames da economia capitalista, baseada na concentração de riqueza (por parte dos brancos) e na exclusão social (de negros e hispânicos); lutou contra o preconceito e o racismo; valorizou os símbolos, costumes, comportamentos, canções e ritmos que entoavam a

³ *Reavivamento* é conhecido também como movimento de santidade, entusiasmo religioso ou carismático, cujas práticas espirituais promovem uma vida de fé intensa.

liberdade dos/as negros/as; e defendeu uma visão interracial como ideologia fundante.

Reproduzindo o imaginário do protestantismo histórico, da época da ocupação colonial europeia, essa nova comunidade pentecostal fez de sua experiência religiosa um sinal visível de que a nação americana fora escolhida por Deus como a “Nova Jerusalém”, com uma missão específica: enviar missionários/as batizados/as pelo Espírito Santo para levar ao mundo inteiro *a Palavra da salvação*.

Imediatamente após o seu aparecimento nos Estados Unidos, esse movimento religioso começa o seu grande processo de expansão mundial. Ao contrário dos missionários protestantes, enviados por agências interessadas na expansão da cultura religiosa norte-americana, que evangelizavam e retornavam ao seu país, os evangelizadores pentecostais saíam da ‘Nova Jerusalém’ sempre na condição de *missionaries of the one way ticket* (KÄRKKÄINEN, 2009). Esses expandiam a mensagem pentecostal, primeiro nos Estados Unidos e, logo em seguida, para a Europa, Ásia, América Latina e África, sem saberem se iriam voltar para sua terra natal (CAMPOS, 2005). É nesse contexto, de forte expansão, que o pentecostalismo de tradição norte-americana chega ao Brasil, sendo a Amazônia a principal porta de entrada.

O objetivo deste trabalho é analisar, sociologicamente, a introdução e o processo de adaptação desse movimento religioso na Amazônia, que contribuiu para a formação da complexa diversidade religiosa que caracteriza hoje esse imenso território brasileiro.⁴ Duas questões centrais são discutidas: por que a Amazônia, a partir das cidades de Belém e Manaus, é reconhecida pelos pentecostais como *o lugar de avivamento*? Quais são as razões teológicas, antropológicas e sociológicas que podem explicar esse *avivalismo religioso tropical*? Para responder essas questões, resgatamos a etnografia feita

⁴ Este trabalho está inserido num projeto mais amplo denominado “Estudo sociológico e antropológico de expressões religiosas e identidades na Amazônia”. Baseado numa etnografia densa (no sentido preconizado por Geertz, 1973), este projeto tem como objetivo estudar, do ponto de vista sociológico e antropológico, identidades e expressões religiosas na Amazônia brasileira, incluindo diferentes grupos étnicos e culturais-religiosos (índigenas, judeus, japoneses, caboclos, ribeirinhos, quilombolas, periurbanos). Nesse contexto, um dos temas em destaque é a introdução e adaptação do movimento protestante-pentecostal (de origem norte-americana), resultando no forte processo de pentecostalização de populações tradicionais (RODRIGUES e MORAES JÚNIOR, 2018).

em 2005, durante a *Cruzada de Milagres*, liderada pelo pastor televangelista Benny Hinn, realizada no sambódromo da cidade de Manaus, no Amazonas.

A partir da pesquisa de doutorado que cunhou a categoria “pentecostalismo judaizado” (OLIVEIRA, 2022), constatou-se que a ideia “terra do avivamento” repercutiu fortemente entre as comunidades pentecostais – Assembleia de Deus e Ministério da Restauração – desde a inserção do modelo de evangelismo denominado “visão celular” ou “modelo dos 12”, uma vez que o número de fiéis cresceu significativamente. É no bojo do movimento celular que a tradição religiosa judaica é praticada intensamente pelos pentecostais. A tese apontou que a Amazônia, o pentecostalismo, o método evangelístico celular e a tradição judaica se entrelaçavam numa teia de significados, de discursos, de comportamentos e de crenças de forma intensa. Além disso, o estudo também assinalou que os fiéis pentecostais amazonenses se colocavam como “faróis” para o restante do Brasil, por isso, o seu lugar de moradia foi definido como avivado.

Desse modo, buscou-se identificar em qual momento esse imaginário começara a ser delineado. Foi quando as primeiras impressões destacadas na etnografia foram retomadas. Através das gravações do evento *Cruzada de Milagres*, disponíveis na plataforma *Youtube*, foi possível compreender que naquele momento a Amazônia começava a ser vista pelas comunidades pentecostais não somente como a terra do avivamento, mas da prosperidade, ou seja, um lugar em potencial para o enriquecimento.

Nesse sentido, a Amazônia ganha uma nova descrição e outra dimensão histórica com o pentecostalismo. A “terra do avivamento” é uma nova metamorfose, cujo lugar não é mais qualquer lugar, é a terra onde o poder do Espírito Santo é real, onde a fé não é “morna” ou “fria”, onde os problemas materiais e espirituais são resolvidos, ou seja, é a “terra do poder de Deus” (OLIVEIRA, 2022).

Em busca de um novo Reino de Deus na Terra

O cristianismo, com origem no judaísmo palestino, apresenta na sua doutrina (soteriologia) uma condição de universalidade, de salvação para todos. Esse é o ideal missionário que caracteriza o cristianismo, o qual

justificou a ocupação da Amazônia, e cuja tradição sempre deu ênfase à salvação como dádiva de Deus para todos os povos.

Os seus fundamentos assentam-se na mensagem de Jesus, descrita nos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Os Evangelhos descrevem a história de Jesus Cristo e os seus ensinamentos ao grupo de seguidores que deu continuidade à sua missão. Que missão era essa? Quando Jesus pregava o Reino de Deus na Terra, ele não se referia a um reino geograficamente localizado, mas a um Reino Espiritual. Vejamos como a Bíblia relata isso: o texto de Lucas (17.20-21) narra uma conversa entre Jesus e os fariseus,⁵ os quais fizeram a ele a seguinte pergunta: “quando chegaria o Reino de Deus?” Em resposta Jesus disse: “a vinda do Reino de Deus não é observável. Não se poderá dizer: ‘Ei-lo aqui! Ei-lo ali!’, pois eis que o Reino de Deus está no meio de vós”.⁶

Conforme consta no Antigo Testamento, os hebreus receberam a promessa de um lugar para viver como povo de Deus. Os textos de Êxodo (33.1) e Deuteronômio (3.27; 34.1) apontam um lugar específico – a Terra de Canaã –,⁷ conquistada e ocupada por um grupo de escravos fugidos do Egito, sob a liderança de Moisés, depois de viverem por 40 anos no deserto. No Novo Testamento, a “Terra da Conquista” já não é mais um lugar específico, é o *mundo* inteiro. Além disso, os judeus já não são os únicos eleitos por Deus. Esse conceito define a Grande Comissão:

“ide por todo o *mundo*, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16.15), “ide, portanto, e fazei que todas as *nações* se tornem discípulo [...]” (Mt 28.19), [...] Deus não enviou o seu Filho ao *mundo* para julgar o *mundo*, mas para que o *mundo* seja salvo por Ele (Jo 3. 17) (Grifos acrescidos).

No Novo Testamento, a “Terra Prometida” é ampliada para todos os povos, para todas as culturas, para todas as famílias, para homens e mulheres, assim como a promessa da Nova Jerusalém.⁸ Nesse sentido, a

⁵ Grupo que se formou entre os judeus em observância aos ensinamentos da Torá e à tradição judaica. O surgimento das sinagogas é obra desse grupo, construída com o objetivo de ser o lugar de ensino.

⁶ Todas as citações bíblicas neste trabalho foram retiradas da Bíblia de Jerusalém: nova edição, revista e ampliada.

⁷ Canaã foi o nome atribuído à região que corresponde atualmente a área onde se localiza o Estado de Israel.

⁸ “Nova Jerusalém” não é uma cidade ou um lugar específico. Segundo interpretações teológicas, representa o próprio Reino de Deus na Terra ou a segunda vinda de Cristo (*second coming*).

Amazônia, teologicamente, está englobada (e influenciada) por duas perspectivas: veterotestamentária e neotestamentária. Na primeira, é a terra que geograficamente já foi conquistada e dominada; na segunda, é o lugar em potencial para a conversão/salvação, ou seja, para o estabelecimento do Reino de Deus. É o lugar para a propagação do Evangelho, mas, sobretudo, é a “terra que mana leite e mel” para o povo escolhido por Deus.

É pertinente lembrar aqui que, quando iniciou sua missão na Galileia, Jesus andava muitos quilômetros, de vilarejo em vilarejo, nas sinagogas e nos *shabbath*,⁹ “carregando um saco de pães, um odre de vinho e uma bengala”. No final do dia, entrava em um povoado, onde “talvez tivesse uma recepção calorosa dos habitantes da cidade, que muitas das vezes não tinham um rabino e dependiam dos serviços de andarilhos, como Jesus” que anunciava: cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho (Marcos 1.15)” (SHELLEY, 2004, p. 7).

Os termos Reino de Deus e Evangelho (anúncio das boas novas) estão entrelaçados nessa passagem bíblica. A mensagem que Jesus anunciava era o Reino de seu Pai, prometido desde os tempos do Antigo Testamento. Além disso, apontava para o cumprimento do que Deus havia garantido aos hebreus. Em outras palavras, Cristo é o reino que chegou, Ele é o próprio Evangelho – o Messias prometido na mensagem veterotestamentária. Portanto, para as primeiras comunidades cristãs, o Reino de Deus apontava para o fim dos tempos com a segunda vinda de Cristo.

Assim como Cristo, os primeiros cristãos (homens e mulheres) tinham como missão propagar a mensagem para outros lugares. Sob a liderança dos apóstolos, esse movimento religioso foi chamado de ‘O Caminho’, enfatizando a crença de que Jesus os guiaria ao Reino de Deus” (SHELLEY, 2004, p. 19). Esse grupo surgiu no mundo judaico-palestino e depois se expandiu para outras regiões do mundo greco-romano. Jerusalém foi o lugar das primeiras conversões, contribuindo, assim, na promulgação da fé cristã em outras localidades, como Judéia, Samaria, Fenícia, Chipre e Antioquia. De Antioquia

⁹ É o dia de descanso dos judeus. Em sua tradução, significa Sábado.

saíram os primeiros cristãos para anunciar o Reino de Deus em outras regiões, como a Ásia e a Europa.

A missão cristã, que partiu de Jerusalém e de Antioquia e se expandiu para além das fronteiras do Império Romano, é marcada historicamente por quatro períodos:

O primeiro ocorreu entre a morte de Jesus e a conversão do Imperador Constantino (em 312), foi quando o cristianismo deixou de ser uma pequena seita judaica para transformar-se em uma comunidade constituída de pessoas de diversas nacionalidades, englobando cerca de 10% da população do Império Romano. O segundo período ocorreu na primeira metade da Idade Média, devido à cristianização da Europa. O período seguinte deu-se a partir de 1500 com a descoberta das Américas e do Oriente longínquo. O quarto começou no século XIX, através de campanhas missionárias para o interior da Índia, África e China (SCHWARZ, 2002, p. 166).

A evangelização da Amazônia aparece no terceiro período de expansão do cristianismo, no momento em que o navegante Colombo “descobriu” o Novo Mundo. Foi em 1492 que a América Latina começa a ser cristianizada. O missionário em destaque é o espanhol Bartolomeu de Las Casas (1474-1566), jurista, historiador, biógrafo de Colombo, dominicano e o primeiro sacerdote a ser ordenado nas Américas (SCHWARZ, 2002). Portanto, esse vasto território geográfico, foi marcado pela história da ocupação colonial ibérica, que contribuiu enormemente na construção do complexo mosaico étnico-cultural-religioso amazonense.

Foi esse o marco histórico no qual a Amazônia foi conquistada e colonizada, que foi marcado por disputas econômicas e políticas que atendiam aos interesses dos países ibéricos, bem como de outros países europeus. Vinculado a esse empreendimento, que interferiu diretamente no espaço, na vida e na organização dos povos originários da Amazônia, esteve o cristianismo católico (SILVA, 1996). Nesse contexto, os lugarejos, cidades e municípios são herdeiros de uma estruturação social comum, sendo a Igreja Católica a principal responsável pela forma como esta terra se organizou. No entanto, há também outras influências, como é o caso do protestantismo e, em menor escala, do judaísmo.¹⁰

¹⁰ Sobre a presença do judaísmo na Amazônia, ver: Rodrigues e Oliveira (2020).

Na verdade, a Amazônia chamou sempre a atenção: dos primeiros viajantes por sua exuberância natural, seus mistérios e especificidades culturais dos nativos; dos comerciantes, que buscavam enriquecimento; e dos religiosos, que buscavam converter os povos indígenas para a cristandade. O imaginário, as lendas, os mitos, as histórias, a religiosidade construída são temas apaixonantes que universalizam a ideia de uma terra intocável, sagrada, próspera. Sua exuberância permeia a imaginação e exerce forte fascínio sobre o mundo inteiro. No entanto, há muito de utopia no que se pensa e diz sobre a Amazônia: ela não é apenas – no sentido religioso – o Éden, o Reino de Deus ou a “Terra Prometida”; é também – do ponto de vista social – uma terra de conflitos e de imensos problemas sociais (OLIVEIRA e SOUZA, 2019).

As condições naturais da Amazônia contribuíram para a produção de discursos que vincularam o modo de ser, as condições de vida, as feições, o tipo de pele e a língua dos habitantes locais ao clima, quente e úmido, reforçando a visão de que o nativo é parte integrante da natureza. O calor é uma das suas principais características e está sempre em destaque nos registros dos viajantes, como é o caso das crônicas escritas pelo casal naturalista norte-americano Louis e Elisabeth Agassiz (2000). Em comparação com essa narrativa, Mário de Andrade, em sua viagem, no ano de 1927, descreve: “em Belém o calorão dilata os esqueletos e meu corpo ficou exatamente do tamanho da minha alma”; e ao mesmo tempo mostra-se surpreso como o/a paraense encara a alta temperatura ao considerar que “o dia de hoje está excepcional” (ANDRADE, 1976, p. 63 e 67).

Com clima de calor intenso, foi escolhida como a “Terra de Avivamento”, conceito associado ao pentecostalismo, caracterizado por experiências religiosas extremamente fervorosas ou ardentes. Esse conceito é, sem dúvida, um importante instrumento para compreender a complexa e diversificada formação religiosa e espiritual da Amazônia. Vejamos agora alguns aspectos da história do protestantismo e do pentecostalismo na Amazônia.

O protestantismo e o pentecostalismo na Amazônia

É pertinente realçar que, ainda antes da chegada do pentecostalismo, a Amazônia já tinha sido uma região privilegiada de evangelização pelo protestantismo histórico. Os dados históricos apontam para as primeiras décadas do século XIX, ainda no período monárquico e do regime do padroado, o que na época gerou conflitos com a hierarquia da Igreja Católica.

Os primeiros contatos foram a partir da ação evangélica de missionários, mas que não resultaram no estabelecimento de instituições religiosas. Nesse contexto, destacaram-se os missionários Daniel Parish Kidder, no ano de 1839 e Robert Nesbit, em 1857, que atuaram distribuindo bíblias e folhetos de evangelização. Em 1860, Richard Holden realizou trabalho semelhante, mas com maior incidência na cidade de Belém do Pará, onde escreveu artigos para os jornais locais e travou embates públicos com lideranças católicas locais. Porém, a presença de instituições protestantes na Amazônia ocorreu somente a partir de 1880, através da instalação da Igreja Metodista, pelo reverendo Justus H. Nelson. Posteriormente, instalou-se a Igreja Episcopal, no ano de 1890; a Igreja Presbiteriana, em 1894; e a Igreja Batista, fundada por Eurico Alfredo Nelson, em 1897 (MAUÉS, 2000; PANTOJA, 2011).

Portanto,

o protestantismo que se consolida na Amazônia é de origem missionária e conversionista. Os primeiros missionários protestantes que fizeram parte do projeto de propaganda protestante na Amazônia prepararam as bases para o estabelecimento das primeiras igrejas evangélicas na região (OLIVEIRA e PINTO, 2017, p. 106).

O objetivo dos primeiros missionários protestantes que vieram para a Amazônia, no século XIX, era promover a circulação de bíblias vinculadas ao movimento protestante, garantindo sua gratuidade para os mais pobres e um preço acessível para quem pudesse pagar. Essa foi uma forma de propagar os ideais cristãos protestantes e preparar as bases para o crescimento da fé evangélica em toda a região.

A venda ou distribuição de bíblias sagradas e folhetos evangélicos foi uma das principais estratégias dos missionários protestantes de levar o “reino” de Deus tanto na Amazônia quanto em outros lugares do Brasil. A venda ou distribuição de bíblias se dava por ser um dos elementos que marcaram a protagonizada Reforma de Lutero, levando

a população de sua época a ter acesso ao conhecimento bíblico (OLIVEIRA e PINTO, 2017, p. 113).

Conforme testemunharam David Martin (1990) e David Lehmann (1996), a partir dos Estados Unidos, o pentecostalismo conquista a América Latina e toca o seu povo com as suas “línguas de fogo”. Impacta primeiro o Chile (1909), em seguida o Brasil (1910) e a Argentina (1911) e, posteriormente, o Peru (1919). O resultado da “explosão” do pentecostalismo, através de um forte e eficiente proselitismo, desde os anos de 1970, é a expansão de forma acentuada na América Latina, no Brasil, em particular, provocando uma enorme diminuição do catolicismo tradicional.¹¹

De acordo com Matos (2011, p. 37-38), as principais razões para a forte conversão pentecostal da América Latina são: “as vicissitudes históricas da obra evangelística e pastoral católica, o limitado trabalho das denominações protestantes, o misticismo das culturas ibero-americanas, os graves problemas econômicos, políticos e sociais”. O pentecostalismo chega no Norte do Brasil no período conhecido como a *Belle Époque Amazônica* (1870-1913), uma época em que as cidades de Belém, Manaus e Porto Velho eram referências para o restante do país, com construções urbanas e teatros com fortes influências europeias.

Os principais responsáveis pela introdução do pentecostalismo no Brasil são o italiano Luigi Francescon (1866-1912) – fundador da Congregação Cristã, em São Paulo e no Paraná – e, especialmente, os suecos Daniel Berg (1885-1963) e Gunnar Vingren (1879-1933), organizadores da Igreja Assembleia de Deus, em Belém do Pará, em 1918 (ALENCAR, 2010). Esses precursores do pentecostalismo brasileiro, imigrantes nos Estados Unidos, frequentavam a *North Avenue Mission* (Missão do Evangelho Pleno na Avenida Norte), igreja fundada em 1907 e liderada por William Durham, pastor em Chicago, cidade que teve uma enorme influência no processo de internacionalização do movimento pentecostal.

¹¹ No caso específico do Brasil, os dados censitários do *Pew Research Center* (2014) mostram a clara diminuição do catolicismo histórico. Em 2014, da população total, 61% são católicos, enquanto os evangélicos, em seus vários ramos e denominações, representam 26%. A previsão é que, em poucos anos, o Brasil terá uma minoria católica: a presença católica cairá para 49,9%, em 2022, e 38,6%, em 2032; o segmento pentecostal, por sua vez, aumentará para 31,8% e 39,8%, nas mesmas datas. Ou seja, em 2032, os evangélicos já terão ultrapassado os católicos.

Portanto, os fundamentos históricos da Assembleia de Deus (AD) estão na Amazônia, de onde se expandiu para outras regiões do Brasil e, posteriormente, para o mundo. Como já referimos, esse fato sustenta a ideia de que a cultura religiosa brasileira se torna pentecostal também por causa da comunidade “avivalista amazônica”. Mas quais foram os fatores que levaram esse “grupo assembleiano amazônico” a crescer tanto ao ponto de se tornar a maior comunidade pentecostal do Brasil? Outra questão central: por que a Amazônia, originalmente indígena e animista-xamânica, se tornou um lugar especial de avivamento religioso de base protestante pentecostal?

A metamorfose religiosa na Amazônia: o “pentecostalismo caboclo”

Do ponto de vista teológico, a Assembleia de Deus (AD) é “conversionista” e a doutrina do batismo no Espírito Santo é a confirmação de tal conversão. Tais concepções teológicas caracterizam essa denominação em sua forma de organização institucional e atuação social e evangélica. Do ponto de vista socioantropológico, a AD é uma instituição religiosa que, apesar de ser de base sueca e norte-americana na sua gênese, adaptou-se à cultura amazônica, dando origem a uma hibridização cultural-religiosa denominada de “pentecostalismo caboclo”, caracterizado como

uma prática pentecostal, ainda mais sincrética, cada vez mais descentrada dos sistemas tradicionais protestantes que, na região da Amazônia, se dissemina como prática de êxtase e cura em contextos comunitários de populações indígenas e índios destribalizados e povos ribeirinhos; os dois últimos inseridos na categoria social de caboclo. Neste contexto de “pentecostalismo caboclo”, as igrejas evangélicas assimilam e ressignificam as formas de curandeirismo ou de xamanismo caboclo e – como práticas de bricolagens (Lévi-Strauss, 1970) e ascetismo evangélico (Weber, 2001) – desenvolvem e expressam novas ritualidades e experiências religiosas-espirituais (RODRIGUES e MORAES JÚNIOR, 2018, p. 913-914).

O universo cultural-religioso amazônico está perpassado por vários elementos sincréticos: mitologias indígenas, práticas religiosas de caráter afro-umbandistas, religiosidades populares, pajelança, cultos xamânicos de curas, crença nos encantados e nas visagens, e curandeirismo. Nesse sistema simbólico-religioso, predomina uma religiosidade de tradição indígena e cabocla, em que o sagrado está presente nos rios, na floresta, na fauna, nos

períodos de cheia e seca, no calor e nas chuvas intensas, bem como na vida individual e coletiva (MAUÉS, 1999).

É relevante destacar ainda que, desde os primórdios do movimento protestante na Amazônia, esse tipo de cristianismo “recebe uma nova roupagem, onde a linguagem acerca de Deus trazida pelos protestantes passa a ser interpretada nos acontecimentos meteorológicos, nos cantos dos pássaros, na subida e descida dos rios” (OLIVEIRA e PINTO, 2017, p. 114). É evidente que, no início, de certa forma, os missionários tentaram inibir essa tradição religiosa amazonense, mas isso não significou a perda do sentido desse universo religioso.

Uma pesquisa sociológica realizada numa comunidade cabocla ribeirinha revelou que seus moradores, mesmo convertidos, ainda acreditavam no boto encantado, no curupira e nas visagens. A partir das 18 horas, por exemplo, evitavam circular próximo às margens dos rios para evitar o “encantamento”; no caso das mulheres, principalmente nos dias do ciclo menstrual. Trata-se de uma comunidade evangélica que rejeita a pajelança, mas confia nas “mãos que curam a desmentidura” (colocar os ossos no lugar). Os moradores acreditam que, em certos casos, “males” como a febre ou a dor de cabeça e do corpo são consequências da “desmentidura” do peito ou das costas (OLIVEIRA, 2012).

O crescimento das igrejas evangélicas no estado do Amazonas coincide com a própria expansão demográfica das cidades e com o surgimento de novas comunidades rurais ao longo dos rios. “Um exemplo de como essa forma de religiosidade vem se expandindo é a fundação e organização de comunidades que recebem o nome das próprias igrejas estabelecidas” (OLIVEIRA e PINTO, 2019, p. 56).

Portanto, interpretar as múltiplas e complexas religiosidades da população amazonense, ou seja, entender as “metamorfoses da Amazônia” (SILVA, 2013), é uma tarefa hermenêutica de grande complexidade. Nesse contexto, é pertinente realçar que o “pentecostalismo caboclo” (RODRIGUES e MORAES JÚNIOR, 2018) é um dos principais fios que tecem a rede de símbolos amazonenses, esse emaranhado “tecido religioso”. Partimos desse pressuposto para explicar a Amazônia como “terra de avivamento”.

Como já foi referido acima, as denominações de matriz reformada já se faziam presentes na “Babel Verde”.¹² Portanto, os segmentos protestantes passaram a disputar espaço também com o recém-chegado pentecostalismo, que passou a ser um dos pilares basilares da identidade cultural-religiosa da sociedade amazonense. Desse modo, o encontro entre a cultura religiosa nativa xamânica e cabocla sincrética e o pentecostalismo norte-americano, inserido através dos referidos missionários suecos, foi uma “metamorfose” que originou uma complexa trama com profundas mudanças estruturais na religiosidade amazônica.

O trecho de música reproduzido a seguir, ao mesmo tempo que descreve a sua gênese no Norte do país, apresenta o pentecostalismo como uma das novas expressões da “fé tropical” e anuncia a “terra do avivamento”.

*Em Belém do Pará, onde começou a doutrina dos dons, Deus enviou o batismo de fogo para os fiéis. Era mil novecentos e dez. Assembleia de Deus no Brasil chegou, cuidando da doutrina e também dos dons. Porta que abriu, nunca mais fechou, Deus multiplicou o seu rebanho. O seu número é como as águas de muitos rios, é a grande multidão que João viu. Os líderes da Assembleia que formadas estão Daniel Berg e Gunnar Vingren, seu irmão. E os outros pioneiros ainda estão lutando e Cristo lá do céu abençoando. Em cada cidade do nosso céu Assembleia de Deus estendeu o seu véu. Em cada povoado tem uma igreja, o diabo já perdeu essa peleja.*¹³

Com o pentecostalismo, a Amazônia ganha uma nova dimensão religiosa. Não é mais um lugar exótico, selvagem, é a “terra de avivamento”, onde o poder do Espírito Santo é real, onde a fé não é “morna” ou “fria”, onde os problemas materiais e espirituais são resolvidos, ou seja, é a “terra do poder de Deus”, onde a “doutrina dos dons”, o “batismo com fogo” tem lugar específico; a “Babel Verde”, onde o “diabo já perdeu a peleja”. A Amazônia agora está “metamorfoseada”, transmutada, transformada na “terra de avivamento”.

Os estudos sobre o pentecostalismo protestante no interior de comunidades ribeirinhas convertidas indicam que as igrejas evangélicas estão presentes em todas as esferas sociais desses lugares. Nesse contexto, o espaço

¹² Analogia com a Babel bíblica, uma vez que, na Amazônia se fala em torno de 120 línguas indígenas. Especificamente no Estado do Amazonas, são falados 53 dialetos.

¹³ Esse hino faz parte do álbum “História da Assembleia de Deus em marcha”, da cantora Guiomar Victor, produzido pela gravadora GCS, em 1967. Nesse compacto, Guiomar faz um duo com seu ex-marido Tiago de Moraes, autor da música.

tem um significado social e simbólico. Um exemplo dessa sacralidade do espaço é a evidente preocupação com a escolha de um lugar para a instalação de uma igreja. É preciso notar que, no interior de uma comunidade ribeirinha, o poder local assenta nas famílias. Por isso, há uma evidente disputa, entre os grupos familiares, pela cedência, pela doação do terreno para a construção do templo. A intenção é a busca de prestígio social, resultando que os cargos de liderança são ocupados pelos membros da família que fundou e organizou a comunidade – e agora a igreja (OLIVEIRA e PINTO, 2019, p. 69).

Surge aqui uma pergunta muito pertinente: qual é o significado prático desse fenômeno? Para as novas comunidades convertidas, o pentecostalismo tem uma função instrumental: tem poder (ARAMBURU-OTAZU, 1996). Para os amazonenses, a “religião do poder” resolve a pobreza, a fome, a doença, os problemas pessoais e coletivos. Assim como os santos católicos foram poderosos na Amazônia, a “língua estranha”, a fé, os cultos, os hinos, as ofertas, também têm poder. As comunidades indígenas e caboclas aprenderam que, assim como seus “ancestrais espirituais”, o pentecostalismo tem poder também através de um espírito – o Espírito Santo.

A Etnografia: Manaus, cidade de avivamento

Apresentaremos agora o resultado da análise sociológica de uma etnografia realizada no estado do Amazonas. Essa concepção de “terra de avivamento”, discutida anteriormente, começa a se desenvolver com a vinda a Manaus, em abril de 2005, do pastor televangelista israelense-canadense Benny Hinn, no âmbito da *Cruzada de Milagres*, um evento mundialmente conhecido no meio evangélico. Numa única noite, ele reuniu cerca de 250 mil pessoas no sambódromo – lugar onde se realiza o carnaval. A partir desse evento, o recinto passou a se chamar “santódromo” pelos evangélicos manauaras.¹⁴

Na segunda noite do evento, Benny Hinn iniciou a pregação dizendo:

God has already done great things for Brazil and bigger things are coming. I believe I am prophesying this to you, I am not just talking, I

¹⁴ A descrição desse evento foi feita com base no trabalho de campo etnográfico de Liliane Costa de Oliveira. Benny Hinn esteve novamente em Manaus, em 2013, mas essa vinda não teve a mesma importância da primeira e, por isso, não será aqui analisada.

feel deeply in my spirit that this country will be a beacon. God will send his light through Brazil. Tremendous things are about to happen here.¹⁵

Na terceira noite, ao falar diretamente para câmera de televisão que registrava o evento, reforçou: “we are seeing amazing things here in Brazil. 250 thousand people overcrowded this stadium [...]. It’s not just the physical, it’s God’s power that I see in the people here”.¹⁶ Após essa fala, o evangelista chamou um pastor manauense, que esteve no Texas para conhecê-lo, que ressaltou o seguinte:

Este é o tempo do avivamento para o Brasil [...] a vinda do pastor Benny veio na hora certa, exatamente no relógio de Deus, porque cremos na profecia que o senhor recebeu lá em Dallas/Texas [...] que o manto de cura que está sobre o seu ministério não viria para um ou dois pastores, mas para todos os líderes e para toda a cidade. Essa é a profecia, cremos que esse é o dia pastor (notas do diário de campo).

Benny Hinn destacou ainda que quando esteve no Brasil pela primeira vez – no Rio de Janeiro, em 1997 –, sentiu uma “atmosfera espiritual difícil”, mas em Manaus foi diferente – sentiu uma “tremenda liberdade no espírito”. Afirmou que em Manaus “os céus estavam abertos” e isso profetizava a chegada de um “grande avivamento”. Neste momento, os fiéis vibraram intensamente, com gestos, gritos, palmas e aleluias.

Nesse sentido, como demonstração de que esse avivamento impactaria o país, Benny Hinn pediu para o líder da Igreja Assembleia de Deus do Amazonas falar para as pessoas que lotavam o “santódromo”, para reforçar que Deus estava preparando Manaus para o “mover do Espírito”, de onde enviaria sua luz para o mundo. Ele então falou e orou aos fiéis, sua esposa cantou o hino nacional em demonstração de que Deus estaria preparando a nação brasileira para o recebimento do “grande avivamento”.

Esse foi o ponto alto do evento, pelas seguintes razões: estavam presentes os líderes da maior denominação pentecostal do Brasil, a representação de símbolos nacionais (o hino e a bandeira) – reforçando a ideia

¹⁵ Tradução dos autores: “Deus já fez grandes coisas pelo Brasil e coisas maiores estão por vir. Acredito que estou profetizando isso para você, não estou apenas falando, sinto profundamente no meu espírito que este país será um farol. Deus enviará sua luz através do Brasil. Coisas tremendas estão prestes para acontecer aqui”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-V4viV_O6Og.

¹⁶ Tradução dos autores: “Nós estamos vendo coisas surpreendentes aqui no Brasil. 250 mil pessoas superlotam este estádio [...]. Não é somente o físico, é poder de Deus que eu vejo nas pessoas aqui [...]”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-V4viV_O6Og.

de nação (evangélica) –, uma comunidade religiosa que carrega o estigma social de pobre e “marginal” – que vive sem assistência social adequada, e busca soluções para seus problemas socioeconômicos; é enfatizado um discurso de poder; culminando, em êxtase, com a profecia de que este povo (pentecostal) será o “farol” para o mundo.

O reavivamento tem como característica – além da glossolalia, da cura, da libertação e da prosperidade – o “cair no Espírito”, a “unção do riso”, os “sopros do Espírito”. Todos esses “dons” foram destacados por Benny Hinn. Os três dias do evento foram fortemente marcados por “línguas estranhas”, cânticos efervescentes, orações, palmas, conversões e testemunhos de cura, como de câncer, problemas cardíacos, artrite, diabetes, dores, sequela de acidentes, deficiências e outros problemas de saúde. A mensagem centrou-se na superação dos problemas de saúde. Portanto, o elemento *cura* marcou intensamente o seu sermão; afirmou, muitas vezes, que ser curado é fruto da salvação e que, por isso, tal milagre não deveria ser algo estranho para o cristão.

A partir desse evento, a cidade de Manaus passou a ser considerada como a “capital de um novo avivamento”, assim como Jerusalém, a “cidade santa”, onde o Espírito Santo manifestou-se pela primeira vez. Os fiéis acreditam que em Manaus paira uma “atmosfera espiritual” ímpar – é o lugar onde “os céus estão abertos” e referência do Brasil para as outras nações.

Vejam agora, mesmo que brevemente, o contexto atual do modelo predominante de proselitismo de base pentecostal na Amazônia. As denominações Assembleia de Deus e o Ministério Internacional da Restauração (no estado do Amazonas) e a Igreja da Paz (no Pará) adotaram um novo modelo de evangelização, conhecido como “visão celular”, “G12” (Grupo dos 12), “M12” (Ministério dos 12) e “MDA” (Modelo de Discipulado Apostólico). Trata-se de um tipo de avivalismo religioso-espiritual criado na Colômbia, pelo pastor César Castellanos Dominguez. Esse pastor foi influenciado pelo sul-coreano Davyd Yonggi Cho, fundador da Igreja do Evangelho Pleno, em Yoido-Seul. Em 1961, visando ao crescimento do número de seguidores, Yonggi Cho criou o “modelo de células”, tornando sua igreja a maior denominação pentecostal da Coreia do Sul.

O pentecostalismo brasileiro foi impactado por esse modelo de evangelização, através da *Convenção Avivamento Celular: desafio para o século XXI*, organizada pela apóstola Valnice Milhomens, em 1999. O casal de pastores colombianos responsáveis pela divulgação do “G12” no Brasil esteve presente. Assim, inspiradas pela “Igreja em células no modelo dos 12”, muitas igrejas evangélicas brasileiras adotaram essa prática de conversão, inclusive a Assembleia de Deus amazonense.

Segundo esse modelo, a evangelização é feita em pequenos grupos (células), formados por doze pessoas. Cada integrante do grupo deve ganhar mais doze discípulos. Quando um novo discípulo conquista mais doze pessoas, forma-se uma nova célula – assim, doze ganha doze, que deve ganhar mais doze e assim por diante. O pequeno grupo (a célula) se reúne uma vez por semana para oração e leitura da Bíblia. No entanto, há também outras atividades, como os Encontros¹⁷ e as Redes¹⁸.

Esse sistema de evangelização tornou-se uma prática permanente no campo religioso brasileiro,¹⁹ mas na Amazônia teve um impacto muito maior do que em outras partes do país. As células, os Encontros, as Redes, os Atos Proféticos são testemunhos da manifestação do Espírito Santo nessa macrorregião. Nas reuniões, o “cair no Espírito”, a “unção do riso”, os “sopros do Espírito”, a “batalha espiritual” são provas do poder de Deus na “terra de avivamento”. Portanto, quando Benny Hinn veio a Manaus, o modelo G12 já estava em curso nas igrejas citadas acima. Dentro desse universo pentecostal, as experiências do Espírito, trazidas por esse evangelista, foram agregadas ao projeto evangelístico já existente da Igreja em células no modelo dos 12.

No entanto, a concepção da Amazônia como “terra de avivamento” não pode ser vista de uma forma isolada. Por exemplo: o Ministério Internacional da Restauração (MIR), fundado no Amazonas, se organizou sob os preceitos da cultura judaica, adotando a celebração de festas como Shabat,

¹⁷ São retiros espirituais, visando à santificação. O crescimento das células, devido às inúmeras conversões, levou a criação de vários tipos de Encontros: com Deus, de líderes, de levitas, de honra, de adoradores, de batalha espiritual, de casais, entre outros.

¹⁸ São cultos com liturgia específica, voltada para públicos diferenciados, como crianças, adolescentes, jovens, casais, mulheres e homens.

¹⁹ Para um exemplo da expansão do “modelo de célula” da Amazônia para o Brasil e exterior, ver: Rodrigues e Mendes (2018).

Tabernáculos e Hanukah e, no interior do templo-sede, em Manaus, o Menorah, o Talit e o Mezuzah ocupam um lugar de destaque.

Nesse sentido, a Amazônia é a “terra de avivamento” porque o “movimento das línguas” é muito “quente”, assim como o calor da Amazônia. Numa perspectiva teológica, aí está a essência das experiências religiosas do “povo pentecostal dos trópicos” – o “fogo do Espírito Santo”. Na literatura bíblica, o Espírito Santo representa fogo; as chamas estão relacionadas ao “dom das línguas de fogo”, conforme o texto de Atos 2. 2-4.

De repente, veio do céu um ruído como o *agitar-se de um vendaval impetuoso*, que encheu toda a casa onde se encontravam. Apareceram-lhes, então, línguas como de *fogo*, que se repartiam e pousaram sobre cada um deles. E todos ficaram repletos do *Espírito Santo* e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia se exprimirem (grifos acrescentados).

Tomando como base essa passagem bíblica, o Espírito Santo chega como “vento” e se manifesta como “fogo”; da mesma forma devem ser as práticas religiosas pentecostais. Quando isso não acontece, a “mornidão” ou a “frieza espiritual” ganham lugar. Assim como o mundo físico (meio natural) precisa de calor, o mesmo ocorre no mundo pentecostal que necessita do “calor do Espírito Santo” (ação sobrenatural). A profecia, a cura, a salvação, a unção, os milagres, a batalha espiritual e a presença de Deus são fenômenos religiosos de relevo na Amazônia, onde o “calor pentecostal” e o “calor amazônico” se ligam. Nesse universo, simultaneamente natural e espiritual, o Espírito Santo é um eficiente ator disseminador da expressão de fé (pentecostal).

Quanto à perspectiva sociológica, a Amazônia é a “terra de avivamento” que deve ser salva (segundo os líderes pentecostais), porque nesse vasto território vive uma população (indígena e cabocla) pobre, marginalizada, sem acesso à educação e à saúde, que sofre com as queimadas, ateadas não pelo “fogo do Espírito”, mas pelo fogo destruidor do agronegócio. Percebe-se que a aplicação do princípio teológico basilar da sua criação, a essência original do pentecostalismo, a essa triste realidade de povo socialmente excluído, favorece a presença e a expansão das práticas pentecostais de salvação, material e espiritual.

Considerações finais

No início do século XX, a partir do trabalho inicial desenvolvido pelo pastor William Seymour, a comunidade protestante pentecostal de Azuza, em Los Angeles, tornou-se referência para a fundação de novas e diversificadas denominações e igrejas, formação de pastores e missionários/as, novas ritualidades e vivências religiosas e espirituais. Esse segmento religioso, de origem norte-americana, enviou missionários para evangelizar a todas as partes do mundo, atraindo milhões de pessoas de lugares distantes e sofridos, de culturas diferentes, que falam diversas línguas e dialetos. Esses novos *born-again*, renascidos na fé, passaram, dessa forma, também a experienciar as manifestações do poder do Espírito Santo em suas vidas, agora vividas com fervor religioso e crescente santificação.

Chegado ao Brasil, já na primeira década do século XX, a Amazônia, particularmente a cidade de Belém do Pará, constituiu-se também num novo polo difusor do pentecostalismo, que se espalhou por todos os estados brasileiros. Como demonstramos neste trabalho, no final do século XX e começo do século XXI, Manaus torna-se também num importante lugar de reavivamento espiritual e de salvação.

A Amazônia, um território construído, moldado, com base na cultura indígena, católica e protestante, judaica, negro-africana e nas práticas da pajelança cabocla – esta derivada, mesclada, hibridizada, com as práticas xamânicas de magia e êxtase – torna-se uma “terra de avivamento”. Um lugar que, antes da pentecostalização, falava somente as “línguas de espíritos” (da floresta e dos antepassados), mas que agora fala também a “língua do Espírito Santo”. A conversão, a cura, a profecia, falar “línguas estranhas”, a expulsão de demônios, os louvores efervescentes, as concentrações de fé, a multiplicação de igrejas pentecostais, acontecem agora também nas margens dos rios e igarapês amazônicos. Nessa imensa região, o encontro de culturas e práticas religiosas nativas e caboclas com o pentecostalismo norte-americano provocou uma complexa hibridização cultural-religiosa, criando, dessa forma, um “pentecostalismo marcadamente caboclo”.

Referências:

- AGASSIZ, Jean Louis R.; AGASSIZ, Elizabeth C. C. **Viagem ao Brasil 1865-1866**. Tradução e notas de Edgar Sussekind de Mendonça. Brasília: Senado Federal/Conselho Editorial, 2000.
- ALENCAR, Gedeon. **Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1940)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- ARAMBURU-OTAZU, Mikel. Amazônia em tempo de crise: as respostas do Pentecostalismo. In: LÉNA, Philippe; GEFFRAY, Christian; ARAÚJO, Roberto. **L'oppression paternaliste au Brésil**. Bordeaux: Lusotopie/C.N.R.S-I.E.P, 1996, p. 189-206.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2012.
- CAMPOS, Leonildo S. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, n. 67, p. 100-115, 2005.
- GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures**. New York, Basic Books, 1973.
- KÄRKKÄINEN, Veli-Matti (ed.). **The Spirit in the world: emerging Pentecostal theologies in global contexts**. Grand Rapids/Michigan: William B. Eermans Publishing Company, 2009.
- LEHMANN, David. **Struggle for the Spirit: religious transformation and popular culture in Brazil and Latin America**. Cambridge: Polity Press, 1996.
- MARTIN, David. **Tongues of fire: the explosion of Protestantism in Latin America**. Oxford: Blackwell, 1990.
- MATOS, Alderi Souza de. O Movimento Pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. **Vox Faifae - Revista de Teologia da Faculdade Fasseb**, v. 3, n. 1, 2011.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. Cristianismo amazônicos e liberdade religiosa: uma abordagem histórico-antropológica. **Revista Antropolítica**, n. 9, p. 77-100, 2000.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Uma outra “invenção” da Amazônia: religiões, histórias, identidades**. Belém: Edições Cejup, 1999.
- OLIVEIRA, Liliane Costa de. **As complexas tramas entre o “Pentecostalismo Judaizado” e a Amazônia**. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia), Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2022.

OLIVEIRA, Liliane Costa de. **Vida religiosa ribeirinha**: um estudo sobre a Igreja Católica e Evangélica no Amazonas. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

OLIVEIRA, Liliane Costa de; PINTO, Marilina Conceição O. B. S. Estudo das relações sociopolíticas e religiosas em comunidades rurais da Amazônia. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 11, n. 33, p. 51-70, 2019.

OLIVEIRA, Liliane Costa de; PINTO, Marilina Conceição O. B. S. Os primeiros passos do Protestantismo na Amazônia. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 2, p. 101-125, 2017.

OLIVEIRA, Liliane Costa de; SOUZA, Fanuel Santos de. Amazônia: construção de uma ideia exótica. In: OLIVEIRA, Liliane Costa de; ZEFERINO, Viviane de Oliveira L.; PINHEIRO, Israel. **Amazônia**: prospecção de múltiplas lentes. São Paulo: Alexa Cultural/Manaus: EDUA, 2019. p. 17-29.

PANTOJA, Vanda. **Santos e Espírito Santo, ou Católicos e Evangélicos na Amazônia Marajoara**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Federal do Pará. Belém, 2011.

PEW RESEARCH CENTER. **Religião na América Latina**: mudança generalizada em uma região historicamente católica. 13/nov/2014. Disponível em: <https://www.pewforum.org/interactives/latin-america-morality-by-religion/>. Acesso em 15.12.2020.

RODRIGUES, Donizete; MENDES, Fábio Marques. O processo identitário na primeira Igreja Batista de Marília/SP: um estudo antropológico do modelo de discipulado apostólico. In: REIS, Marcos Vinícius de Freitas; PY, Fábio; SILVEIRA, Diego Omar (orgs.). **Expressões religiosas de um Brasil plural**: estudos contemporâneos. São Paulo: Fonte Editorial. p. 205-230, 2018.

RODRIGUES, Donizete; MORAES JÚNIOR, Manoel Ribeiro de. A pentecostalização de povos tradicionais na Amazônia: aspectos conceituais para uma antropologia de identidades religiosas. **Horizonte** - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 16, n. 50, p. 900-918, 2018.

RODRIGUES, Donizete; OLIVEIRA, Liliane Costa de. Yehudei Amazonya: símbolos, vivências e práticas religiosas. **Rever** – Revista de Estudos da Religião, v. 20, n. 1, p. 218-231, 2020.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil**: uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis: Vozes, 1985.

SILVA, Marilene Corrêa da. **Metamorfoses da Amazônia**. 2 ed. Manaus: Editora Valer, 2013.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O Paiz do Amazonas**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas/EDUA, 1996.

Amazônia, terra de avivamento religioso: o caso do pentecostalismo | Liliane Costa Oliveira & Donizete Rodrigues

SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo ao alcance de todos:** uma narrativa do desenvolvimento da Igreja Cristã através dos séculos. Tradução Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

SCHWARZ, John. **Manual da fé cristã:** informações essenciais para o cristão de hoje. Tradução Valdemar Kroker. Belo Horizonte: Betânia, 2002.